

PAPERWORKS

Exposição de Desenhos e trabalhos sobre papel

Com obras de Ana Jotta, Carolina Almeida, Cristina Ataíde, Friederike Just, Juliane Solmsdorf, Marcelo Costa, Mário Macilau, Mel O'Callaghan, Miguel Branco, Pedro Calapez, Pedro Proença, Pedro Sousa Vieira, Rui Sanches e Susana Anágua.

“Pegar num desenho permite-nos ‘surpreender o pensamento do artista em toda a sua frescura no momento da sua eclosão, talvez mesmo com mais autenticidade que em obras longamente trabalhadas pela paciência obstinada do génio.’”
(Edmund de Waal: *A Lebre de Olhos de Ambar. Uma Herança escondida*, p. 78)

Temos muito gosto em poder apresentar *Paperworks*, uma exposição na qual se encontram reunidos quatorze artistas, cujo tema é o desenho, e o uso do papel.

Durante muito tempo, o desenho foi visto como o início, a gênese da ideia artística. O traço sobre a superfície, sobre o papel...

Leon Battista Alberti (arquitecto e teórico de arte, Séc. XV) e seus contemporâneos viam o desenhos como uma ferramenta para entender o espaço, para exercitar os estudos da perspectiva, etc. O desenho como ferramenta, como meio para um fim ‘maior’ – a pintura, a escultura, a arquitectura.

Os artistas modernistas do início do séc. XX começam a distanciar-se desta norma, e em artistas como Schiele, Kandinsky, ou Klee, entendemos essa mudança: o desenho podia ficar inacabado, os traços transmitem pensamentos soltos, ideias, são esboços mentais, e ganham autonomia. Desde então, e sobretudo agora, a liberdade do desenho manifesta-se na consituição como meio autonomo e multifacetado.

É esta experiência (e/ou interpretação¹) que gostaríamos partilhar com os visitantes desta exposição.

Na entrada da exposição confrontamo-nos com uma obra de ANA JOTTA, que não é um desenho, mas uma reprodução fotográfica de uma pintura da própria. Mais uma vez, a artista joga com as noções de autoria e autenticidade, reproduzindo uma obra sua e apresenta-la no formato de multiplo.

Numa parede adjacente, encontram-se desenhos de PEDRO SOUSA VIEIRA, de 1992. Uma série de desenhos que nos levam de volta à noção da técnica do desenho no seu sentido mais ‘clássico’, no entanto o artista explora na sua criação ligações com a arte abstracta, desafiando a nossa noção do espaço (pictórico).

Na próxima sala encontramos quatro artistas, cujas obras se juntam num diálogo quase monocromático. A entrar nesse espaço, vemos do lado esquerdo os desenhos em lapis, aguarela (e café) de FRIEDERIKE JUST, artista alemã, cujo universo pictórico se move entre influências expressionistas (como Schiele) e contemporâneas (Dumas, Bacon); além disso, a sua obra também passa pelo registo objectual.

RUI SANCHES, é escultor português e tem uma obra que abrange o desenho como disciplina independente; os seus desenhos são na sua maioria abstractos. Não obstante o uso do material – aqui o esmalte e a barra de óleo – cria volume sobre o papel.

A prática site-specific é fundamental para o entendimento do trabalho de CRISTINA ATAÍDE que se encontra aqui representada com um conjunto da série “Pele” (2008). São desenhos feitos usando a técnica de *frottage*: frotagens de lugares reais e específicos – a folha de papel encostada a uma falésia, pedra, etc. passando o carvão por cima do papel – o lugar deixa a sua marca no papel, transformando-se em desenho.

¹ Nicholas Serota, *Experience or Interpretation – The Dilemma of Museums of Modern Art*. London, NY: Thames & Hudon, 1996.

Trabalho que talvez crie maior contrast nesta sala, é a fotografia de MÁRIO MACILAU, fotógrafo moçambicano, cujo trabalho de pesquisa e investigação se preocupa com a vida humana e a ‘pegada’ que deixamos no nosso planeta. O trabalho seleccionado destaca-se pela impressão fotográfica com poucos contrastes sobre um papel de algodão de alta gramagem que devolve à fotografia da série “O Preço do Cimento” (2013) um carácter presencial.

Na sala de exposições maior encontramos cinco artistas, cujo trabalho não poderia ser mais diverso: Carolina Almeida, Juliane Solmsdorf, Mel O’Callaghan, Miguel Branco e Pedro Calapez. Provenientes de gerações e origens diversas o conjunto de trabalhos exposto remete para a prática individual de cada artista, e mais especificamente para os seus universos pessoais.

Na prática da artista MEL O’CALLAGHAN, que também cursou arquitectura na Austrália, o desenho funciona como contentor de ideias, veículo para pensar, estudar e planear um projecto – como p.ex. para a escultura *mobile* que encontramos na exposição. A prática do desenho é processo, pensamento e prelúdio da criação.

CAROLINA ALMEIDA apresenta máscaras exóticas, africanas, fazendo a ligação com a herança familiar, os fortes laços que existem com este continente. África – realidade e mito – substância-se nos albums de família e cria um estímulo para a fantasia e imaginação da artista.

Perto das máscaras encontramos aguarelas de PEDRO CALAPEZ, artista português cuja pesquisa pictórica o leva repetidamente à abstracção, à experiência da cor, da pintura, que se apresenta aqui de forma leve e transparente: é através das cores primárias que somos levados ao ‘âmago’ da construção pictórica.

JULIANE SOLMSDORF, artista cujo trabalho se desenvolve sobretudo num plano conceptual, realizando instalações e intervenções performativas, acrescenta às duas dimensões a terceira: no papel sobre o qual construiu colagens entrevemos as pegadas de um sapato de mulher (a sua planta e o salto alto fino) como que a ‘mexer-se’ em cima do papel; um ‘still’ de um momento performativo.

Artista que desafia em constante o seu saber e poder artístico, explorando novos meios e técnicas/tecnologias para abrir possibilidades criativas, é MIGUEL BRANCO. O seu olhar poético e embebido da história de arte (ocidental e oriental), recria o conhecido de forma a surpreender-nos: seja na pintura, na escultura, ou no desenho, como acontece nestes dois “Testemunho[s]” (2011), trabalhos de técnica mista sobre papel. Os cavalos que se apresentam com asas de borboleta, aludem ao mito de Pegasus, cavalo alado, da mitologia grega e simbolo de imortalidade.

Na quarta e última sala desta exposição, deparamo-nos com a palavra, a língua. Artistas cujo trabalho é desenvolvido sobre o suporte do livro, ou em cuja obra a palavra se impõe como elemento gráfico relevante e denominador.

Os dois desenhos em acrílico sobre as antigas folhas de um livro de arte sobre a pintura primitiva são de MARCELO COSTA; abrindo assim um diálogo entre o antigo, a tradição, e a modernidade da sua própria linguagem contemporânea.

SUSANA ANÁGUA, usou as folhas ‘rejeitadas’ pela máquina de corte da gráfica GIDE, e riscou todo o texto a caneta de feltro dourado. O que já foi considerado ‘lixo’ e sem valor, torna-se valioso, uma vez transformado em obra de arte.

Numa abordagem mais livre da língua, e da palavra, PEDRO PROENÇA criou um conjunto de obras lembrando colagens e recortes de livros e revistas, num jogo entre as formas e fontes mais diversas e heterogéneas, usando conteúdos e frases non-sense, criando um certo estado de espírito “barroco” e ao mesmo tempo “dadaísta” ...

PAPERWORKS

Exhibition of Drawings and works on paper

With works by Ana Jotta, Carolina Almeida, Cristina Ataíde, Friederike Just, Juliane Solmsdorf, Marcelo Costa, Mário Macilau, Mel O'Callaghan, Miguel Branco, Pedro Calapez, Pedro Proença, Pedro Sousa Vieira, Rui Sanches, and Susana Anágua.

Curator: Alda Galsterer

23.01. – 01.03.2014

"Taking a drawing allows us to 'surprise the artist's thought of its freshness at the moment of its outburst, perhaps even more authentically than in works long worked out by the obstinate patience of genius. It is an admirable manifesto in favour of drawing.'"

(Edmund de Waal: *The Amber-Eyed Hare. A Hidden Heritage*, p. 78)

We are very pleased to present *Paperworks*, an exhibition in which fourteen artists are brought together, through the theme of drawing, as well as their use of paper as a medium.

For a long time, drawing was seen as the origin, the genesis of the artistic idea: The trace on the surface, on paper.

Leon Battista Alberti (architect and art theorist, 15th century) and his contemporaries saw drawings as a tool to understanding space, to exercising studies of perspective, etc. Drawing was a tool, a means to a 'greater' end – e.g. painting, sculpture, and architecture.

The modernist artists of the early 20th century began to distance themselves from this normative thought, and in artists like Schiele, Kandinsky, or Klee, we understand this change: the drawing could remain unfinished, the strokes convey loose thoughts, ideas, are mental sketches, and gain autonomy. Since then, and especially now, the freedom of drawing manifests itself in the constitution as an autonomous and multifaceted medium.

It is this experience (and/or interpretation¹) that we would like to share with the visitors of this exhibition.

At the entrance of the exhibition ANA JOTTA confronts us with a work, which is not a drawing but a photographic reproduction of one of her paintings. Once again, the artist plays with the notions of authorship and authenticity, reproducing one of her works and presenting it in a multiple format.

¹ Nicholas Serota, *Experience or Interpretation – The Dilemma of Museums of Modern Art*. London, NY: Thames & Hudson, 1996.

On an adjacent wall there are drawings by PEDRO SOUSA VIEIRA, from 1992. A series of drawings that take us back to the notion of the drawing technique in its most 'classic' sense, however the artist explores in his creation links with abstract art, challenging our notion of (pictorial) space.

In the next room we find four artists, whose works come together in an almost monochromatic dialogue. Entering this space, we see on the left the pencil and watercolour (and coffee) drawings by FRIEDERIKE JUST, a German artist whose pictorial universe moves between expressionist (e.g. Schiele) and contemporary (Dumas, Bacon) influences; her work also touches the objectual.

RUI SANCHES, a Portuguese sculptor, has a body of work that encompasses drawing as an independent discipline; his drawings are mostly abstract. Nevertheless the use of specific material - as enamel and the oil bar he uses in these - creates volume on paper. The site-specific practice is fundamental to the understanding of the work of CRISTINA ATAÍDE, who is represented here with a set from the series "Skin" (2008). These are drawings made using the technique of *frottage*: the fleeting of real and specific places - the sheet of paper leaning against a cliff, rock, etc. passing the charcoal over the paper - the place leaves its mark on the paper, and this mark becomes a drawing, and its making a performative act.

A work that contrasts in this room with all the others is the photography of MÁRIO MACILAU, a Mozambican photographer whose research and investigative work is concerned with human life and the 'footprint' we leave on our planet. The selected work stands out not only for being a photographic print, but also for the use of cotton paper on which this series of "The Price of Cement" (2013) is printed.

In the larger exhibition room of the gallery, we find five artists, whose work could not be more diverse: Carolina Almeida, Juliane Solmsdorf, Mel O'Callaghan, Miguel Branco and Pedro Calapez. Coming from the most different generations and backgrounds, the set of works exhibited refers to the individual practice of each artist, and more specifically to their personal universes.

In the practice of artist MEL O'CALLAGHAN, who also studied architecture in Australia, *drawing* functions as a container for ideas, a vehicle for thinking, studying, and planning a project - as, for example, for her mobile sculpture present in this exhibition. The practice of drawing is process, thought, and prelude to creation.

CAROLINA ALMEIDA presents exotic, African masks, making the connection with her family heritage, with strong ties to this continent. Africa - reality and myth - is substantiated in family albums and creates a stimulus for the artist's fantasy and imagination.

The idea of landscape takes us to the work and watercolours exhibited here by PEDRO CALAPEZ, a Portuguese artist whose pictorial research repeatedly leads him to abstraction, to the experience of colour, of painting, which is presented here in a light and transparent way: experimenting with primary colours, we are taken to the 'core' of pictorial construction.

JULIANE SOLMSDORF, an artist whose work develops mainly on a conceptual level, making installations and performative interventions, devolves the second dimension to the third one: on the paper on which she built collages we glimpse the footprints of a woman's shoe (its sole and thin high heel) 'moving' on the paper; a 'still' of a performative moment?

An artist, who constantly challenges his knowledge and artistic power, exploring new media and techniques/technologies to open creative possibilities, is MIGUEL BRANCO. His poetic eye, soaked in the history of art (Western and Eastern), recreates the known in order to surprise us: whether in painting, sculpture, or drawing, as in these two "Testimony[s]" (2011), mixed technique works on paper. The horses with butterfly wings allude to the myth of Pegasus, the winged horse from the Greek mythology and symbol of immortality.

In the fourth and last room of this exhibition, we find ourselves confronted with the 'word', with language. Artists whose work is developed on the support of the book, or in whose work the word imposes itself as a relevant graphic element and denominator. The two acrylic drawings on the ancient leaves of an art book on Primitive Painting are by MARCELO COSTA; thus opening a dialogue between the ancient – tradition – and the modernity of his own contemporary language.

SUSANA ANÁGUA, used the sheets 'rejected' by the cutting machine of the GIDE editor house, and crossed out all the text with a golden felt-tip pen. What was once considered 'trash' and worthless, becomes valuable, because now transformed into a work of art.

In a freer approach to language, and the word, PEDRO PROENÇA creates images recalling collages and clippings from books and magazines, in a baroque spirit of using and playing with the most diverse and heterogeneous forms and sources.